

## **MEMÓRIA AMBIENTAL, CULTURAL E TURISMO NO VALE HISTÓRICO DO RIO PARAÍBA DO SUL: DESIGN DE UMA PESQUISA**

### **MEMORY ENVIRONMENT, TOURISM AND CULTURAL HISTORY IN THE VALLEY OF PARAÍBA DO SUL RIVER: A RESEARCH DESIGN**

Valéria A. Whitaker<sup>1</sup>

Dulce Consuelo Andreatta Whitaker<sup>2</sup>

Marinaldo Fernando Souza<sup>3</sup>

Márcia Izabel do Vale Pereira<sup>4</sup>

**RESUMO:** Este texto tem como objetivo divulgar a riqueza cultural e ambiental de uma região pouco conhecida dos grandes circuitos turísticos – marcada fortemente por

---

<sup>1</sup> Graduada em Agronomia pela UNESP, mestra e doutora em Ecologia pela USP - São Carlos, Bolsista do Centro Universitário de Araraquara/UNIARA S.

<sup>2</sup> Graduada em Sociologia, mestra e doutora pela USP, pesquisadora do CNPq em projetos de Sociologia Rural, pós-doutora pela Universidade de Oxford. Professora colaboradora do programa de Pós-graduação em Educação Escolar UNESP Araraquara e do Centro Universitário de Araraquara/UNIARA SP.

<sup>3</sup> Psicólogo pela Universidade Paulista. Mestre e Doutorando em Educação pela UNESP/ FCLAr em Araraquara e colaborador como co-supervisor de Psicologia Social na Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Coordenador Técnico dos Centros de Referência de Assistência Social – CRAS, da Prefeitura Municipal de São Carlos. E-mail: [mfpsi@hotmail.com](mailto:mfpsi@hotmail.com).

<sup>4</sup> Técnica em turismo atuante na região do Vale Histórico do Rio Paraíba do Sul.

tradições históricas, por um rural ainda bucólico e pela hospitalidade dos seus moradores. O Vale Histórico do Rio Paraíba do Sul, embora situado no eixo Rio-São Paulo, vive à sombra do notável progresso das cidades industrializadas do Vale principal. Este texto apresenta resultados de uma pesquisa que aprofundou o conhecimento dessa região, com achados do ponto de vista da cultura, da História Regional, Nacional e do Turismo. Isolada por barreiras geográficas consideráveis, essa região apresenta dois aspectos: o renascimento da natureza após a decadência do café, com santuários ecológicos que hoje podem apontar na direção da sustentabilidade ambiental; e a formação de uma cultura com dois tempos históricos – refinamento herdado dos barões do café, paradoxalmente ligado à rusticidade do rural e à modernidade derivada da sua proximidade com os grandes centros. Os resultados aqui descritos são parte de pesquisa ainda exploratória, mas já foram apresentados em diferentes eventos, enfatizando o caráter barroco das práticas, derivado desses dois tempos históricos e as potencialidades turísticas ligadas à hospitalidade da cultura tropeira que marca o seu rural.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória. Ambiente. Cultura. Turismo. Vale Histórico do Rio Paraíba do Sul.

**ABSTRACT:** This text is aimed at disseminating cultural and environmental wealth of a region little known of major tour operators - which is strongly marked by historical traditions, in a bucolic rural still and by the hospitality of its residents. The Historic Valley of *Rio Paraíba do Sul*, although located in the *Rio - Sao Paulo* road lives in the shadow of the remarkable progress of the industrial cities in the main Valley. This paper presents results of research that deepened the knowledge of this region, with notable findings from the standpoint of culture and tourism, regional and national history. Isolated by considerable geographical barriers, this region has two aspects: the rebirth of nature after the decline of coffee plantations, with ecological sanctuaries that can now point toward environmental sustainability, and the formation of a culture with two historical times - refinement inherited from the barons coffee, paradoxically linked to the rustic countryside and modernity derived of its proximity to major centers. The

results presented here are part of exploratory research, but were presented at different events, emphasizing the baroque character of practices derived from these two historical times and tourist potential related to the “*cultura tropeira*” and to hospitality that marks this countryside.

**KEYWORDS:** Memory. Environment. Culture. Tourism. Valley Historical Rio Paraíba do Sul.

## **Introdução**

Este artigo descreve o nascimento e a evolução de um projeto, ainda em andamento, mas cujos resultados já despertam interesse. Pode servir de inspiração para outros estudos porque desvela os caminhos seguidos por um grupo de pesquisadores interessados numa singularidade histórico-geográfica bastante complexa e pouco conhecida no país, apesar de sua riqueza ambiental e cultural.

O texto discute influências ecológicas, culturais e principalmente históricas sobre a ruralidade; e nossas primeiras descobertas – já apresentadas e discutidas num Grupo de Trabalho sobre Cultura e Comunicação no Mundo Rural durante o 4º Encontro Nacional da Rede de Estudos Rurais em Curitiba - P.R., - já exigem publicação.

Temos levado resultados desta pesquisa a diferentes encontros acadêmicos e uma questão nos chama atenção a todo o momento: as dificuldades de comunicação com o sistema dominante para grupos humanos que se situam de forma marginal em relação aos circuitos de produtividade intensa do Capitalismo, cujos “sucessos” ocupam o espaço da mídia e quase todo imaginário social.

A grande maioria das pessoas com as quais conversamos sobre esta pesquisa, na qual se destaca uma das regiões mais importantes do país no período imperial, conhece como Vale do Rio Paraíba do Sul apenas a sucessão de cidades marcadas pelo desenvolvimento industrial das grandes montadoras de automóveis, como São José dos Campos, Taubaté e Porto Real.

O Vale Histórico do Rio Paraíba é para muitos um grande mistério geográfico e mesmo Bananal – cidade símbolo dos Barões do Café no século XIX é, para a maioria, uma incógnita cartográfica. Alguns perguntam se estamos nos referindo à Ilha de Bananal no Norte do País, enquanto muitos têm dificuldade de entender em que ponto do Estado de São Paulo pode existir uma cidade com esse nome, mesmo não estando ela longe de um dos marcos turísticos mais importantes do Brasil, qual seja o Pico das Agulhas Negras no Parque de Itatiaia (parque que completou 70 anos recentemente e é o mais antigo do Brasil). E mesmo se situando esta cidade a poucos quilômetros de Volta Redonda – capital do aço -, base da industrialização brasileira e símbolo político da resistência operária.

Resolvemos então publicar estes primeiros resultados como uma forma de divulgar uma das áreas rurais mais paradoxais do Brasil e pensando em inspirar, com este *design*, jovens pesquisadores das áreas de comunicação, do turismo e de hospitalidade para que verifiquem como os temas de pesquisa nessas áreas podem brotar das andanças em pontos os mais inusitados deste país, mesmo quando estamos em busca de temas “sisudos” e aparentemente mais sérios o que, como veremos, é a característica da grande pesquisa do CNPq da qual brotou este recorte (WHITAKER, 2010).

## **Desenvolvimento da pesquisa**

### **As primeiras andanças**

Os pesquisadores percorreram boa parte do Vale Histórico e da Serra da Bocaina e durante uma semana colheram Histórias de Vida e fizeram leitura do espaço registrada em Diário de Campo, observando aspectos culturais e ecológicos. A pesquisa teve caráter exploratório, mas já desvelou uma realidade rural-urbana bastante específica, quase uma singularidade, do ponto de vista sócio-histórico-ambiental. A investigação deu início ao projeto para bolsa de produtividade de Whitaker (2010) - “Memória Social, meio ambiente e envelhecimento no Brasil rural: três olhares (estudo comparativo)”. Aprovado pelo CNPq para início em março de 2010, deslocou

pesquisadores para a região, com vistas a mestrados, doutorados e pós-doutorados. A idéia foi fazer um levantamento imediato das condições da região, o que permitirá elaborar o “design” mais adequado das técnicas a serem aplicadas para coleta de dados, numa realidade complexa, a ser comparada com outras duas, (os Assentamentos de Reforma Agrária em Araraquara e a região dos Quilombos de Ilhéus na Bahia). Tanto esta equipe, quanto o trabalho a ser desenvolvido, tem caráter transdisciplinar, o que corresponde às tendências dos estudos de Whitaker nos últimos dez anos (WHITAKER; BEZZON, 2006) e facilitou aos pesquisadores perceberem a riqueza cultural da região e o caráter hospitaleiro dos seus moradores. Assim, este primeiro produto discute o conceito de Rural Histórico, numa região de relativo isolamento geográfico e sócio-econômico, o que caracteriza o Vale Histórico do Rio Paraíba do Sul. Os municípios que integram o Vale Histórico, ou seja, Arapeí, Bananal, São José do Barreiro, Areias, Queluz e Silveiras estão localizados numa região considerada tradicional e de certa forma marginal ao desenvolvimento do Vale Econômico do Rio Paraíba do Sul. A amostra das primeiras entrevistas exploratórias, tanto dos moradores das cidades como do campo, aponta para modos de vida diferenciados. A pesquisa deverá contribuir para a questão da vocação econômica regional e da revalorização da cultura tropeira.

Os habitantes do Vale Histórico moram em locais adjacentes às Áreas de Proteção Ambiental e ao Parque Nacional da Bocaina, um santuário ecológico, de valor inestimável pela presença de remanescentes de Mata Atlântica e de nascentes de água pura e cristalina, que abriga famílias de agricultores de subsistência que já moravam na área antes da criação do Parque. Esta pesquisa poderá servir de canal de expressão das aspirações em relação ao desenvolvimento da região e à sustentabilidade, ao ecoturismo e à preservação ambiental, a partir da perspectiva da população local, que se mostrou bastante hospitaleira, tanto no que se refere ao acolhimento que deu aos pesquisadores, quanto em relação às propostas de desenvolvimento de um turismo sustentável que traga benefícios à região, sem descaracterizá-la em suas tradições mais caras e seus modelos de resistência ao avanço do industrialismo.

### **Localização do vale histórico e dos dois tempos**

A região do Vale Histórico localiza-se no extremo leste do Estado de São Paulo, entre os Estados de Minas Gerais (sul de minas) e do Rio de Janeiro (sul fluminense), sendo separado do litoral sul do Rio e do Oceano Atlântico pela Serra da Bocaina, na Serra do Mar. O acesso ao Vale Histórico pode ser feito pela Rodovia Presidente Dutra (no eixo Rio-São Paulo), a partir de vários pontos na altura dos municípios de Cachoeira Paulista (SP), Cruzeiro (SP), Queluz (SP) e Barra Mansa (RJ), entrando pela antiga Rio-São Paulo, isto é, Rodovia dos Tropeiros.

O Vale Histórico encontra-se no plano espacial paralelo e de certa forma marginal ao Vale Econômico do Rio Paraíba do Sul, compondo com ele dois tempos históricos diferentes. A Bacia Hidrográfica, na altura do Vale Histórico, está compreendida entre as Serras da Mantiqueira e do Mar, as quais contêm os Parques Nacionais do Itatiaia e da Bocaina respectivamente. Desta forma, os municípios integrantes do Vale Histórico estão situados nos contrafortes da Serra da Bocaina, numa região de colinas – “mares de morro” – contidas entre as escarpas das duas serras, na altura em que estas mais se aproximam.

Estes municípios pertencem ao Circuito Turístico do Vale Histórico, constituído por um consórcio e integram a “Estrada Real” criada em 1702, para transportar o ouro produzido em Minas Gerais até os portos fluminenses em Paraty e Angra dos Reis, incluindo rotas alternativas abertas por tropeiros na Serra da Bocaina<sup>5</sup> (DA LUZ, 2002).

## **A pesquisa**

A tentativa de estudar o processo de envelhecimento numa região marcada por fortes tradições rurais, para comparação com o mesmo processo em áreas ditas modernas, como são os assentamentos de Reforma Agrária na região de Araraquara – uma das mais ricas do país, no que se refere à produção do agronegócio – está resultando em notáveis achados do ponto de vista da cultura (no sentido antropológico), da comunicação (no sentido das expressões regionais), do turismo e principalmente do

---

<sup>5</sup> As informações até aqui foram colhidas a partir da leitura do espaço e algumas referendadas em *Bibliografia de Turismo (SEBRAE-SP, 2007)*.

ponto de vista histórico, além da hospitalidade – valor que se perde nos meios urbanos, mas se acentua em áreas rurais especialmente as mais tradicionais.

Há uma originalidade, no que se refere às práticas, aos modos de vida e às manifestações coletivas, que vai além do que pode ser explicado apenas a partir dos estudos folclóricos. Aliás, conforme observa Geertz (1978), folclorizar a cultura implica um certo etnocentrismo da parte do pesquisador, o que pode resultar apenas em catalogações ou pior, “fossilização” (GEERTZ, 1978, p. 16). Assim, alguns fenômenos que observamos referem-se a um outro tempo histórico, mas permanecem vigorosos, o que assinala, paradoxalmente, alternativas para problemas atuais, criados pelo industrialismo. Eis que esses modos de vida<sup>6</sup> se dão em áreas que constituem verdadeiros santuários ecológicos – que sobrevivem no eixo Rio-São Paulo, graças a esses mesmos modos de vida – na dialética entre cultura e ecossistema (WHITAKER; BEZZON, 2006)

Mas as práticas culturais que constituem esses modos de vida, não são excludentes; a observação que já realizamos sugere que o caráter expressivo, herdado do passado e que se manifesta muitas vezes de forma barroca, não elimina a intersecção com a “modernidade” – e até com certo cosmopolitismo – determinado pela atração que exerce a região da Bocaina sobre os intelectuais e artesãos, mas não só – porque isso não seria novidade, já que ocorre em muitos lugares. Na verdade existe ali uma classe dominante, em alguns casos “decadente” que descende dos barões do café ou dos tropeiros (ou de ambos) e também dos europeus, que vieram já no século XX (ou final do século XIX), atraídos pelo clima e pela natureza, em intensa miscigenação com descendentes de escravos. Pudemos registrar alemães, libaneses e até chineses – estes últimos tangidos pela imigração oficial, quando após a decadência da produção cafeeira, pensou-se no cultivo do chá como substituto para salvar a economia da região. Assim, há uma certa originalidade na formação da população, que merece destaque.

Mas o pano de fundo histórico das práticas culturais que marcam essa região parece ser a escravidão negra que deixou bases profundas, não só através da

---

<sup>6</sup> O conceito de modos de vida tem sido usado com muito bons resultados por Botta Ferrante (1996) para compreender os atores sociais em assentamentos de Reforma Agrária e nos parece bastante apropriado a outros espaços rurais, já que as alternativas aí apresentadas ao modelo hegemônico do agronegócio envolvem preservação da natureza e práticas hospitaleiras essenciais a um novo tipo de sociedade que já se anuncia. Para tanto, ver também Whitaker (2008).



miscigenação, como principalmente na cultura regional. Esta precisa ser estudada e valorizada para ser preservada das ameaças que pairam sobre a região, não só a partir de um turismo predatório, do qual esteve relativamente protegida pelas barreiras geográficas, como também do impacto ambiental que pode resultar da passagem de um trem bala, cujo projeto está sendo previsto e já provoca preocupação entre alguns moradores.

Mas para expor com clareza o caráter quase barroco da cultura local e sua importância como manifestação de uma certa identidade enriquecedora para nossa formação, dois aspectos serão por nós equacionados:

- A questão da natureza preservada (importantíssimo dado do ponto de vista da Sociologia Rural ligada aos problemas ambientais (WHITAKER, 2002);
- Os detalhes históricos ligados à formação de uma região marcada por dois tipos fundamentais – os Barões e os Tropeiros, refinamento por um lado, rusticidade por outro.

Este último equacionamento pode fornecer a chave talvez (um pouco como hipótese provisória) para o caráter barroco de algumas manifestações locais<sup>7</sup>.

A questão da natureza está sendo investigada em profundidade pela Engenheira Agrônoma e Ecóloga Valéria Whitaker com o apoio de uma técnica em turismo rural e histórico que também estuda a região – Márcia Izabel do Vale Pereira. A questão é de grande complexidade e também aí encontraremos singularidades. O café esgotou rapidamente o solo e devastou – como já estudado, a mata atlântica na região (DEAN, 1997). Mas a ondulação do relevo manteve a salvo os pontos mais altos. A região, de certa forma, foi salva por sua geografia, que além de dificultar a agricultura predatória dos Barões, limitou a agricultura moderna em larga escala, contribuindo ainda para impedir a desestruturação que teria sido provocada pelo industrialismo, que muito próximo, à beira da Rodovia Presidente Dutra, implantou as bases do desenvolvimentismo já nos anos 1950. Assim, a natureza teve oportunidade de refazer parte do ecossistema.

---

<sup>7</sup> O cinema, o teatro e a literatura do Brasil, ao que parece, ainda não descobriram, que em meio a modernidade do eixo Rio-São Paulo se mantém viva, uma grande gama de fenômenos culturais, que talvez a câmara de um Glauber Rocha ou a literatura de Garcia Marques aproveitassem na sua essência.



### **Marcos históricos fundamentais**

Resgatar a História do Vale Histórico não é fácil. Ela está registrada em bibliografia considerável e ainda não tivemos tempo para reuni-la toda. Em primeira mão, no entanto, o que nos parece, é que grande parte das análises se concentra na decadência do café e na destruição da Mata Atlântica (DEAN, 1997), enquanto uma outra parte estuda os Barões ou privilegia as manifestações ditas folclóricas do Vale. Por outro lado, a literatura, na pena preconceituosa de Monteiro Lobato, contribui para atribuir às “Cidades Mortas” e principalmente aos habitantes da zona rural, um caráter negativo que nossas investigações vão contestar<sup>8</sup>.

Por ora, já podemos partir da História Oficial de Bananal (que vamos também contestar, uma vez que muitas fontes consultadas apresentam contradições). Escolhemos iniciar o percurso em Bananal, a terra dos Barões, por ser a cidade que se destaca historicamente no auge do período cafeeiro, como município mais rico do país. Seus marcos históricos, principalmente as fazenda de café - algumas tombadas - são testemunhos desse apogeu.

Em meados do século XIX, Bananal era tão rica, que quando o Imperador D. Pedro II tomava empréstimos nos Bancos europeus, quem endossava os títulos eram seus fazendeiros, responsáveis então pela maior produção de café do país. Para se ter uma idéia dessa riqueza, basta lembrar que a cidade chegou a cunhar sua própria moeda. (FARIA, 1995)

Não cabe aqui reconstruir a história de Bananal desde os seus primórdios, envoltos nas brumas dos primeiros séculos. Para o que nos interessa, basta situá-la a partir do ciclo do café – quando a região já era cortada por caminhos, trilhas e sendas – as principais delas determinadas a partir das necessidades do ciclo do ouro e percorridas pelos tropeiros que povoavam o Vale como um todo.

---

<sup>8</sup> Monteiro Lobato é, sem dúvida, um dos grandes nomes de nossa literatura. Quando escrevia para crianças, conseguia milagrosamente despir-se de todos os preconceitos que alimentou como homem do seu tempo, marcado pelos limites da consciência possível (GOLDMAN, 1958). Foi um grande nacionalista e defensor das nossas riquezas. Mas o preconceito contra o rural é forte em nossa sociedade e na literatura para adultos, Lobato concretizou-o de forma expressiva. (DANTAS, 1999).

Bananal é fruto da expansão do café, que marca o século XIX. Em 1839 já era o segundo maior produtor do Brasil e possuía uma população escrava numericamente superior à composta pelos habitantes livres da região. Sua população atual resultou em forte miscigenação e práticas culturais e artísticas marcadas pela herança afro-brasileira, aspecto importante para os estudos de comunicação.

A riqueza dos cafeicultores determinou a implantação, já em 1883, da Estrada de Ferro (ramal bananalense) inteiramente financiada por eles, sem qualquer ajuda do governo. A estação de Bananal, verdadeira jóia da arquitetura, hoje atração turística, guarda a memória desses tempos gloriosos. Fabricada na Bélgica, composta toda ela de chapas de metal – almofadadas e duplas – foi montada no Brasil como um gigantesco quebra-cabeças (GRAÇA, 2006).

Mas tal prosperidade estava baseada em um plantio predatório – o café subindo pelas colinas sem curvas de nível ou qualquer outro recurso para proteção do solo. Historiadores locais resumem o fim do período áureo, com muita propriedade:

Mas o período de riqueza e prosperidade chegou ao fim, impulsionado por fatores como a exaustão da terra, explorada ininterruptamente por tanto tempo, a abolição da escravatura em 1888 [...] e a abertura da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, que propiciou a expansão das plantações de café no Oeste Paulista (GRAÇA, 2006 p. 44).

Bananal entrou em decadência, e com ela todas as cidades do Vale Histórico. Os aspectos da decadência dessas cidades são bastante conhecidos e não vamos repetir tais registros, embora fundamentais. Ao nosso projeto interessa o renascimento da natureza na belíssima paisagem e a re-construção de modos de vida que caracterizam hoje o rural urbano, com enormes possibilidades de sustentabilidade, a partir de modelos a serem elaborados com base nas condições locais – nas quais a hospitalidade emerge como valor a ser preservado, valor cultural por excelência. Afinal, a cultura e o ecossistema, profundamente imbricados (WHITAKER; BEZZON, 2006) sofrem constantes devastações a partir das chamadas civilizações, mas apresentam sempre, capacidade de restauração (SHELDRAKE, 1991).

### **Considerações finais**

A intenção deste artigo foi demonstrar como o desenvolvimento de uma pesquisa desvela infinitas variações quando os pesquisadores estão atentos ao entorno ambiental e cultural que percorrem. O *design* de uma pesquisa surge como caminho do caminhante – que se faz ao caminhar. Quando partirmos do caráter abstrato do projeto científico com suas imposições formais, não temos idéia exata daquilo que vamos encontrar no campo pesquisado. Mas à medida que a pesquisa se desenvolve, as circunstâncias emergem e nos fascinam. Não sabemos se vamos dar conta de todas as circunstâncias aqui levantadas, mas o ser humano é como observa Morin, uma realidade biopsicossocial envolta em natureza, e este fato se impõe ao pesquisador logo no início do seu trabalho. O exemplo aqui descrito deve servir de base a outros pesquisadores, (alguns “descuidados” de tantas circunstâncias) além de mostrar, como, “logo ali” no eixo Rio - São Paulo, são preservadas tradições e valores dos mais preciosos, como a hospitalidade (de que tanto carece a chamada modernidade). Este texto teve como objetivo divulgar uma região historicamente importante e fazer justiça à sua riqueza cultural.

### **Referências**

- BOTTA FERRANTE, Vera L. S. *Retratos de Assentamentos*. Ano II, n. 3. Araraquara: NUPEDOR/UNESP, 1995.
- DA LUZ, Rogério R. *Cinco Cidades Paulistas: uma pequena viagem*. São Paulo, 2002
- DANTAS, Alexandre. *Uma tentativa de compreensão do homem rural*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Sociologia UNESP/FCL, Araraquara, 1997.
- DEAN, Warren. *A ferro e fogo: A História e a Devastação da Mata Atlântica Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997
- FARIA, Sheila S. de C. Fortuna e Família em Bananal no século XIX. In: CASTRO, H. M. M. de; SCHNOOR, E (Orgs). *Resgate: uma janela para o Oitocentos*. Editora TOPBOOKS RJ. 1995.

- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GOLDMAN, Lucien. *Ciências humanas e filosofia*. São Paulo: Cultrix, 1958.
- GRAÇA, Plínio. (org.) *Bananal, terra dos Barões do café*. São Paulo: Noovha América, 2006.
- MORIN, Edgar. *O paradigma perdido: a natureza humana*. Portugal: Publicações Europa-América, 1973.
- SEBRAE-SP, *Circuito Turístico do Vale Histórico – Arapeí, Areias, Bananal, Queluz e São José do Barreiro*. Boletim, 2007.
- SHELDRAKE, Rupert. *O Renascimento da Natureza. O Reflorescimento da Ciência e de Deus*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1991.
- WHITAKER, Dulce C. A.; BEZZON, Lara C. *A Cultura e o ecossistema: reflexões a partir de um diálogo*. Campinas: Ed Alínea, 2006.
- WHITAKER, Dulce C. A. *Sociologia Rural: questões metodológicas emergentes*. Presidente Venceslau: Letras à Margem/CNPq, 2002.
- WHITAKER, Dulce C. A. Pluriatividade, Meio Ambiente e Hospitalidade na agricultura familiar camponesa. In: BUENO, Marielys S. *Hospitalidade no jogo das relações sociais*. São Paulo: Editora Vieira, 2008.
- WHITAKER, Dulce C. A. *Memória Social, Meio Ambiente e Envelhecimento no Brasil Rural: três olhares (estudo comparativo)*. Projeto de produtividade em pesquisa CNPq, 2010.

Artigo recebido em 11 de julho de 2011

Aprovado para publicação em 30 de agosto de 2011